

Universidade Federal de Santa Catarina

Licenciatura e Bacharelado em Letras-Libras na Modalidade a Distância

Leland McCleary (USP)
Evani Viotti (USP)

Semântica e Pragmática



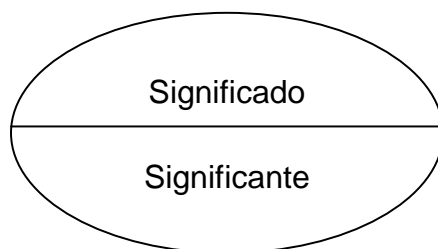
Florianópolis

2009

Unidade 1. Conceito e conceitualização

1.1 O objeto de estudo da Semântica e da Pragmática

Vamos retomar algumas noções que foram estudadas no curso de Introdução aos Estudos Lingüísticos, quando vocês foram apresentados ao pensamento de Saussure. Para Saussure, o objeto de estudo da Lingüística é o **signo lingüístico**. O signo lingüístico é uma associação de um conceito, chamado **significado**, a uma imagem acústica (ou ótica), chamada **significante**.



Estão lembrados? Tanto o significado, quanto o significante são entidades abstratas que existem na mente dos falantes de uma determinada língua. Significado e significante são, portanto, entidades mentais.

Usamos os signos para falar sobre coisas no mundo (entre outras coisas!). Por isso, temos a palavra (signo) 'mesa' para falar sobre esta mesa à qual estamos sentados para escrever este texto. Mas isso não quer dizer que o *significado* do signo 'mesa' deve ser identificado com esta mesa no mundo sobre a qual falamos. E nem que o *significante* de 'mesa' deve ser identificado com os sons (ou gestos) que usamos para pronunciar a palavra.

O significado não é a mesa (o objeto físico) em si, mas a *representação mental* que temos do objeto. Do mesmo modo, o significante desse signo não é o som [meze], mas a representação mental que os falantes de português fazem desses sons, que os ajuda a reconhecer o signo 'mesa' quando ele é pronunciado, e a saber como o signo deve ser pronunciado.

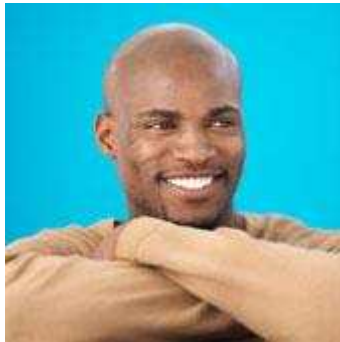
O que é importante é que o signo estabelece uma **relação simbólica** entre um significado e um significante. O que isso quer dizer? Quer dizer que, quando pronunciamos a seqüência fonológica /meza/, necessariamente designamos o conceito [MESA]. O signo é isso: uma relação simbólica inseparável entre significado e significante. E já que a língua é um sistema de signos, isso significa que a língua é simbólica. Cada vez que pronunciamos ou sinalizamos palavras, sentenças ou discursos inteiros, estamos designando conceitos.

Como vocês já viram em cursos anteriores, a Fonologia é a área da Lingüística que estuda o significante. E quais áreas da Lingüística estudam o significado? São justamente a Semântica e a Pragmática. Ou seja, a Semântica e a Pragmática estudam os *conceitos* que construímos em nossas mentes quando estamos diante de um signo lingüístico, seja ele uma palavra, uma sentença,

ou um texto. Assim, por exemplo, sabemos que o conceito associado a palavras como 'calvo' e 'careca', nas sentenças (1) e (2), são iguais:

- (1) O João começou a ficar calvo aos 30 anos.
- (2) O João começou a ficar careca aos 30 anos.

Ou seja, tanto o uso da palavra 'calvo', quanto o uso da palavra 'careca', nas sentenças acima, nos levam ao conceito relativo à propriedade que alguém tem de não ter cabelo.



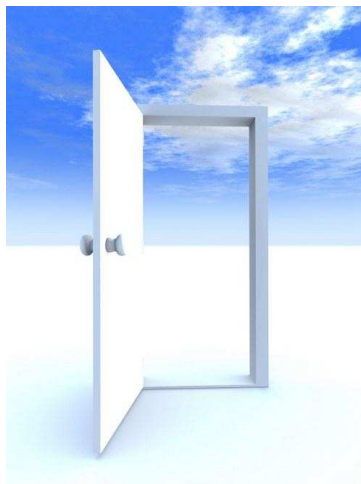
Da mesma maneira, o conceito que formamos quando ouvimos uma sentença como (3) é semelhante ao conceito que formamos quando ouvimos uma sentença como (4):

- (3) A Maria ainda acredita que o Pedro ganhou na loteria.
- (4) A Maria continua achando que o Pedro ganhou na loteria.

Vamos considerar, agora, uma sentença como a seguinte:

- (5) A porta está aberta.

Qual é o conceito que formamos quando ouvimos uma sentença como essa, fora de contexto? Em termos bem intuitivos, formamos o conceito de um objeto físico que serve para marcar o ponto de entrada ou saída de uma sala, e o de que esse objeto físico não está obstruindo nem a entrada, nem a saída de ninguém dessa sala.



Mas, agora, pensem na seguinte situação. Um professor está dando aula e um grupo de alunos está fazendo a maior bagunça, conversando sem parar, e não prestando atenção à matéria que está sendo ensinada (você nunca viu isso, não é?). O professor dá uma bronca nos alunos e pede para eles ficarem quietos. Entretanto, depois de alguns minutos, eles continuam a conversar e a perturbar a aula. Desta vez, o professor pára a aula, chama o nome dos alunos que estão fazendo bagunça e diz: 'A porta está aberta!' Qual é o significado dessa sentença nesse contexto? Parece ser bem diferente daquele conceito que formamos sobre a sentença (5), não é? Nesse contexto, a sentença 'A porta está aberta' é entendida como um pedido aos alunos para que se retirem da sala.

Vamos pensar agora em um outro contexto. O professor está dando aula, a porta da sala está aberta, e alguém pára do lado de fora da sala, com ar de curiosidade e interesse. O professor, em uma atitude bem simpática, se dirige a essa pessoa e diz: 'A porta está aberta' (provavelmente acompanhado de um gesto). Será que o significado dessa sentença se mantém igual ao significado formado no contexto anterior? Certamente não! Desta vez, o professor não está pedindo à pessoa que se retire de lá. Desta vez, o professor está convidando a pessoa a *entrar* e a assistir à sua aula.

Podemos multiplicar esses exemplos. Imaginemos o mesmo professor tentando dar aula, com muito barulho vindo do lado de fora. Muita gente no corredor está falando alto. Ele vira para uma aluna sentada do lado da porta e diz, baixo: 'A porta está aberta.' Nesse caso, qual é o significado da sentença? Podemos perceber qual é, quando a aluna levanta e fecha a porta! Foi um pedido de fechar a porta.

Vejam, então, como o contexto de uso dos signos lingüísticos influi na construção de seu significado.

Algumas correntes teóricas fazem uma separação entre o estudo do significado das expressões lingüísticas analisado fora de contextos de uso (como fizemos quando apresentamos a sentença (5)), e o estudo do significado das expressões em situações de uso (como fizemos quando apresentamos os três contextos de sala de aula, acima). As teorias que fazem essa divisão consideram que o estudo do significado lingüístico com base apenas no sistema da língua -- fora de contexto de uso -- é o objeto específico de estudo da Semântica. Diferentemente, o estudo do significado das expressões lingüísticas em contextos de fala é o objeto específico da Pragmática. Para essas teorias, a análise da sentença *A porta está aberta* que descreve seu significado como sendo o de um objeto físico que não está obstruindo a entrada ou saída de uma sala é parte da Semântica. Já a análise da conceitualização formada pelo uso dessa sentença nos contextos de sala de aula descritos acima é parte da Pragmática.

Entretanto, algumas outras correntes teóricas não aceitam a divisão tão rígida entre o âmbito de estudo da Semântica, de um lado, e da Pragmática, de outro. Para essas outras correntes, a construção de todas as conceitualizações que fazemos está associada a nossa experiência no mundo, e sempre depende, em maior ou menor grau, do contexto de fala. A divisão entre estudos

semânticos e estudos pragmáticos, para essas teorias, é apenas uma divisão didática. Neste curso, nós vamos seguir essas correntes que consideram que o objeto de estudo da Semântica e da Pragmática é o mesmo: os conceitos e a conceitualização. No item seguinte, vamos entender o que é esse objeto de estudo.

1.2 O que são conceitos e conceitualização

No item anterior, nós dissemos que o significado de um signo lingüístico não é um objeto no mundo ao qual o signo faz referência. O significado é uma entidade abstrata. Nós estávamos falando sobre o signo 'mesa'. Existem milhões de mesas no mundo, cada uma diferente da outra: algumas maiores, outras menores, algumas de madeira, outras de metal, algumas redondas, outras retangulares. Se o signo 'mesa' associasse uma pronúncia a uma mesa específica, nós teríamos que dizer que o signo 'mesa' tem um significado diferente para cada objeto mesa que existe no mundo. Não é isso o que acontece. Nós todos temos, em nossas mentes, uma 'idéia' de mesa, uma abstração que nos faz saber o que é uma mesa, e que nos ajuda a reconhecer uma mesa quando estamos diante de uma, não importa qual seja sua forma, o material de que é feito, seu tamanho, ou qualquer outra peculiaridade que ela tenha. Essa 'idéia' que temos de mesa é o **conceito** de mesa.

Muita gente tende a achar que um conceito corresponde a uma imagem pictórica mental. Mas essa idéia é errada. Primeiro, porque um grande número de signos de uma língua designa coisas que não são fácil ou diretamente imaginadas pictoricamente. Qual seria a imagem pictórica de um signo como 'ar', por exemplo? Ou 'ternura'? Ou 'amizade'? E qual seria a imagem pictórica de conceitos associados a adjetivos como 'honesto', 'seguro', 'bom'. E dos conceitos associados a verbos como 'ser', 'estar' ou 'ter'? E dos conceitos associados a preposições como 'de', 'por', 'com'?

Além disso, mesmo quando estamos tratando de objetos concretos, a imagem mental que fazemos dele acaba sendo ou muito específica ou muito genérica. Vamos fazer uma imagem mental de um pássaro, por exemplo. Ela pode ser muito específica, apresentando certos detalhes que certamente não correspondem às características de todos os pássaros que vamos encontrar por nossa vida afora. Nossa imagem pictórica mental pode, por exemplo, apresentar penas de diversas cores, um bico forte, asas grandes, e uma cauda majestosa. Mas nós certamente vamos encontrar muitos pássaros com penas de uma cor só, bico minúsculo, asas pequenas e caudas que são até difíceis de perceber. Mesmo assim, quando encontramos um pássaro com essas características, não vamos ter problemas em reconhecer que se trata de um pássaro.



Por outro lado, podemos fazer, em nossas mentes, uma imagem pictórica de pássaro que seja muito esquemática, ou genérica. Uma imagem esquemática é muito abstrata, não apresenta muitos detalhes. Essa imagem também vai ser problemática, na medida em que ela vai acabar não trazendo informações suficientes a respeito de muitas características que fazem, de uma determinada entidade, um pássaro, e pode acabar não nos ajudando a reconhecer um pássaro quando encontramos um.

O que acontece é exatamente o contrário dessa idéia de que conceitos são imagens pictóricas mentais. Nós somos capazes de criar uma imagem pictórica mental de pássaro porque temos o conceito de pássaro, e baseamos nossa imagem nesse conceito. Mas ter o conceito de um objeto não exige que nós formemos uma imagem mental desse objeto.

Afinal, o que é um conceito? Alguns teóricos propõem que um conceito é um **princípio de categorização**. Quando temos um conceito como [PÁSSARO] sabemos o que é um pássaro. Esse conceito é que faz com que reconheçamos um pássaro quando estamos diante de um. A partir desse momento, nós sabemos que podemos usar o signo 'pássaro' para fazer referência aos pássaros que encontramos. Nós sabemos que pássaros são animais, que, em geral, têm penas e voam, que têm bicos, que emitem um certo tipo de som, que têm pés que lhes permitem agarrar coisas e que os ajudam a se segurar em galhos das árvores onde pousam, que podem ser apreendidos pelos seres humanos e mantidos em gaiolas como animais de estimação, etc. Todos esses aspectos fazem parte do conceito [PÁSSARO]. Da mesma forma, e pelo mesmo processo, sabemos também que algumas entidades não são pássaros. Toda vez que usamos a palavra pássaro para fazer referência a dois animais diferentes (como um pardal e uma galinha, por exemplo), estamos fazendo um ato de categorização. Ou seja, estamos reconhecendo que esses dois animais diferentes têm características em comum a tal ponto que podem, ambos, ser enquadrados na categoria PÁSSARO.¹

¹ Embora as relações entre signo, conceito e categoria sejam muito próximas, elas são bem diferentes. Um *signo* é a união entre um conceito (significado) e um significante. Um *conceito* é um *princípio de categorização*. E uma categoria é um conjunto de entidades (que podem ser objetos, eventos, situações, relações ou conceitos) que têm algo em comum. Vamos grafar os signos entre aspas: 'pássaro'; os conceitos entre colchetes: [PÁSSARO]; e as categorias em maiúsculo: PÁSSARO.

Se aceitarmos essa noção de conceito, não vamos ter dificuldade para entender os conceitos de entidades abstratas, como [AMOR], [BONDADE], [INFÂNCIA], etc., nem conceitos expressos por verbos como 'ser', 'estar', 'ter', nem conceitos expressos por preposições, como 'de', 'com', etc. Por menos concretos que esses conceitos possam ser, todo falante de português sabe bem a diferença que existe entre eles. Vamos tomar, como exemplo, as expressões em (6) e (7) abaixo:

- (6) Eu vi o médico do Chico.
- (7) Eu vi o médico com o Chico.

Vimos, acima, que não é possível fazer uma imagem pictórica do conceito de uma preposição. Entretanto, quando nos deparamos com exemplos como os em (6) e (7), sabemos que a *relação* que se estabelece entre médico e Chico em (6) é diferente da relação entre médico e Chico em (7). Isso mostra que os conceitos que temos das preposições 'de' e 'com' nos ajudam a fazer categorizações adequadas a respeito das relações entre entidades. Ou seja, por causa dos conceitos que temos das preposições 'de' e 'com', colocamos as relações expressas nas sentenças (6) e (7) em categorias diferentes.

Tomemos, ainda, os seguintes exemplos:

- (8) O Chico é um bom professor.
- (9) O Chico tem um bom professor.
- (10) O Chico é bonito.
- (11) O Chico está bonito.

É impossível fazermos uma imagem pictórica mental dos conceitos de verbos como 'ser', 'estar', 'ter', etc. Entretanto, quando estamos diante de exemplos como (8), (9), (10) e (11), vemos que somos capazes de apreender os conceitos desses verbos, na medida em que somos capazes de colocar as relações estabelecidas por esses verbos em categorias diferentes. Sabemos que a relação entre Chico e um bom professor, estabelecida pelo verbo 'ser' (em (8)), é diferente da relação entre Chico e um bom professor, estabelecida pelo verbo 'ter' (em (9)). Da mesma maneira, sabemos que a relação entre Chico e bonito estabelecida pelo verbo 'ser' (em (10)) é diferente da relação entre Chico e bonito estabelecida pelo verbo 'estar' (em (11)).

Saber categorizar as relações estabelecidas por verbos ou preposições, e saber categorizar os referentes dos nomes (ou substantivos) significa saber o significado dos verbos, preposições e nomes. Essa idéia é compatível com a idéia de Saussure que vocês viram no curso de Introdução aos Estudos Lingüísticos, segundo a qual a língua é um princípio de classificação. Certamente, a língua é o instrumento mais poderoso que os seres humanos têm para fazer categorizações; ou seja, a língua é um instrumento que nos ajuda a classificar as entidades físicas e abstratas que nos rodeiam, e as relações que se estabelecem entre elas. Na próxima unidade, vamos nos deter um pouco mais na noção de categorização. Mas, antes disso, agora que já vimos o que é um conceito, vamos falar de **conceitualização**.

Como já vimos várias vezes, os signos lingüísticos são associações convencionais entre uma forma e um conceito. Mas, se pensarmos em toda a construção de significado que fazemos, quando dizemos ou interpretamos um enunciado,² vamos ver que os conceitos que formam os signos são muito limitados. Esses conceitos são apenas instruções rudimentares para darmos início a um processo de criação de idéias ricas e elaboradas, que vão além da contribuição dada pelos conceitos.

Esse processo de construção de significado é chamado *conceitualização*. Para exemplificar, vamos tomar a palavra 'pular'. Todos nós sabemos o que essa palavra significa. Todos temos um conceito do evento de pular. Mas vejamos que, se o evento for o de pular corda, vamos estar diante de algumas maneiras bem específicas de pular: podemos pular corda tirando os dois pés do chão ao mesmo tempo, podemos pular corda tirando primeiro um pé, depois o outro, e podemos pular corda como os boxeadores fazem. Todas essas maneiras de pular são muito diferentes das maneiras que temos de pular um muro. Se o muro for baixo, podemos pulá-lo passando uma de nossas pernas por cima do muro, enquanto o outro pé fica apoiado no chão. Ou podemos correr para tomar impulso, e pular o muro como em uma corrida de obstáculos. Podemos, ainda, dar um impulso, segurar o topo do muro com as duas mãos, elevar nosso corpo até o topo, e depois pular para o outro lado. De um jeito ou de outro, quando pulamos um muro, normalmente evitamos pular de cabeça, não é? Se pularmos de cabeça, corremos o risco de nos machucar seriamente! Entretanto, se o que houver na nossa frente não for um muro, mas uma piscina, podemos pular de cabeça, se quisermos.

Vejamos, então, que embora a palavra 'pular' tenha um significado, ele é apenas parcialmente responsável pela conceitualização que fazemos a partir dele. Como dito acima, os signos lingüísticos trazem apenas instruções gerais para darmos início a um processo de construção de significação, que tem como base fundamental aquilo que se chama **conhecimento enciclopédico**. O conhecimento enciclopédico que cada um de nós tem é resultado de nossas experiências de vida. É porque pulamos corda em nossa infância, ou vimos outras crianças pulando corda, que sabemos que existem diferentes maneiras de pular corda, e que pular corda é diferente de pular um muro, ou de pular em uma piscina. Para construir conceitualizações a partir da expressão 'pular', usamos todo esse conhecimento. A expressão 'pular' ela mesma serve apenas para disparar esse processo de conceitualização. Na Unidade 4, vamos aprender um pouco mais a respeito do conhecimento enciclopédico que temos e que é fundamental para a construção do significado.

Mas antes, vamos estudar mais sobre a *categorização*.

² Um "enunciado" é o resultado de uma "enunciação", que é a língua sendo usada. Qualquer uso real da língua é um enunciado. Ele sempre vai ter um autor (a pessoa que falou) e alguma situação em que é produzido. Vai ter também uma pessoa que o interpreta e alguma situação de interpretação. No caso de um enunciado escrito (como este que estamos escrevendo aqui) ou filmado, vai haver uma situação de interpretação diferente da de produção, e a pessoa que interpreta pode nem conhecer o autor. Isso é diferente de uma situação de conversa, em que as pessoas que falam e interpretam o que é falado ocupam todas o mesmo espaço, simultaneamente.